

# **Das paixões amorosas que suscitam a paixão da ignorância**

## **O amor no terceiro tempo do Édipo**

*Marie-Christine Laznik*

Este texto trata da sexualidade e do desejo femininos na menopausa, traçando um histórico do tema na psicanálise e na literatura. O pano de fundo é a tragédia grega de Édipo, na figura de Jocasta. A autora aponta a paixão da ignorância, pelo velamento da posição desejante de Jocasta, fazendo um paralelo ao velamento deste assunto por parte dos psicanalistas, inclusive Freud.

Palavras chaves: Menopausa - Sexualidade - Paixão da ignorância

This text is about sexuality and women's desires during menopause, approaching the matter from a historical perspective in psychoanalysis and literature. The background is the Greek tragedy of Oedipus, focusing on Jocasta. The author points out to the passion of ignorance, through the concealing of Jocasta's wishful position, drawing a parallel with the concealing of the subject by the psychoanalysts, including Freud.

Key words: Menopause - Sexuality - Passion of Ignorance

### **Introdução : Menopausa e tabu da paixão ?**

Em um número consagrado ao Amor e às Paixões, poderíamos falar delas nas mulheres na menopausa ? Não é óbvio. Quando colegas querem tratar de algum assunto, é somente do desejo e da sexualidade das mulheres. Frequentemente elas se recusam a misturar aí a menopausa<sup>1</sup>. O fato é que, enquanto psicanalista, eu seja obrigada a constatar que os temas « desejo » e, com mais força ainda, « paixão », são tão pouco evocados em relação à menopausa que continuam a ser associados à velhice apesar do tempo que os separa. Se nos permitimos falar de amores, é principalmente daqueles que, dessexualizados, não impulsionam mais a paixão; aquele de uma avó por seus netos, por exemplo.

A capacidade de procriar – tal como ela existe em uma mulher – faz fantasmaticamente obstáculo à morte. Uma vez esta capacidade perdida, nada mais detém a corrida do tempo em direção à aniquilação final, pouco importa para o inconsciente quantas décadas ainda restam a viver. No Talmude está escrito que uma

mulher é velha quando ela é *atingida pela menopausa*<sup>2</sup>. As coisas pouco mudaram desde a antiguidade hebraica.

### ***Menopausa e terror***

Se queremos entender alguma coisa sobre o horror, desgosto (*Abscheu*) que produz a evocação da própria menopausa de uma mulher nos jogos do amor, horror que está certamente na raiz da recusa em reconhecer a existência deste tema em psicanálise<sup>3</sup>, precisamos dar uma volta na cabeça da Medusa. Freud diz que no mito, trata-se do órgão genital da mãe. « *Atenas, que traz a cabeça da Medusa sobre sua couraça, torna-se por isso mesmo mulher inaproximável, cuja visão sufoca qualquer idéia de aproximação sexual.* »<sup>4</sup> Em seu texto *A cabeça da Medusa*<sup>5</sup>, ele lembra que ela substitui a apresentação do órgão genital feminino escancarado. No momento em que esta possibilidade de procriação não é mais painel desta abertura, o órgão feminino adquire sua dimensão de horror.

Alguns homens podem se sentir ameaçados pela perda da fecundidade em sua mulher. Indo então viver uma paixão com uma mulher mais jovem, esta nova experiência amorosa lhes dá o sentimento de escapar à morte. Frequentemente, lhes farão um filho renascendo assim mais de uma vez. Patrick de Neuter fala muito bem disso em seus trabalhos sobre o desejo do homem de meia-idade<sup>6</sup>. Ele se interroga sobre o destino das esposas abandonadas; se elas passam pelas mesmas provações do envelhecimento, por outro lado não têm a mesma possibilidade de lutar com as mesmas armas que os maridos, observa ele. Será então que as mulheres não teriam mais libido suficiente para viver as paixões?

Não é o que pensa Freud. De 1895<sup>7</sup> até o fim de sua vida, ele defendeu a idéia de que o momento do climatério correspondia à um formidável aumento da libido, a *idade das paixões perigosas*. Mas, em função do « *horror que, na época da menopausa, a mulher em processo de envelhecimento sente diante do aumento excessivo de sua libido* »<sup>8</sup>, ele pensa que ela é frequentemente obrigada a decidir-se pela abstinência. Para uma mulher, já é muito tarde para viver uma paixão erótica. Produzem-se então sintomas, uma neurose de angústia, por exemplo.

Em 1912, em *Tipos de desencadeamento da neurose*, ele volta para este aumento da libido nas mulheres na menopausa, que « *torna-se patogênico em consequência de uma frustração relativa procedente do mundo externo, que ainda teria*

*concedido satisfação a uma reivindicação menor por parte da libido. »<sup>9</sup> Alain Corbin conta que os tratados de medicina da época denunciavam com extrema virulência « a cópula com a esposa estéril e com a mulher em menopausa : duas figuras devastadoras, de amores inúteis, tumultuosos, excessivos, os quais nenhum medo vem refrear os transbordamentos. Ameaçadas pela moral, estas Messalinas conjugais adoram 'render-se à coitos desenfreados' que esgotam seus parceiros. »<sup>10</sup>*

Teríamos aí a causa desta denegação do interesse de estudar a menopausa, principalmente ligada ao desejo e à paixão ? Parece-me que é necessário acrescentar uma segunda causa.

### ***Luta contra os amores incestuosos***

Diversas vezes Freud faz um paralelo entre a menopausa e a puberdade: uma jovem inibe seu desejo porque é muito cedo e uma mulher na menopausa porque é muito tarde. Algumas décadas mais tarde, Hélène Deutsch (1944) retoma este paralelo no capítulo consagrado à menopausa em seu livro *La psychologie des femmes*<sup>11</sup>. Ela retoma também os trabalhos de Freud sobre os fantasmas incestuosos na puberdade: no momento onde acontece o aumento das pulsões sexuais, estas vão tomar como objeto o genitor edípico. Ela vai então acrescentar a hipótese de existência, tanto na menopausa quanto na puberdade, de fantasmas edípicos. Se a puberdade é uma segunda revivescência do complexo de Édipo, a menopausa seria uma terceira; exceto que é o filho desta mulher madura, e não mais o pai, que ocupa agora este lugar de objeto incestuoso. Este filho não foi, em seu nascimento, investido de todas as qualidades do Ideal com o qual ela, menininha, endeusava seu próprio pai ? E Freud já dizia que a meiga ligação com a criança está infiltrada de adjunções sexuais inconscientes.

É possível que o horror que algumas mulheres na menopausa ressentem em relação à sua libido seja devido ao fato de que o objeto incestuoso, inconsciente, é agora este filho ou um substituto. Deutsch<sup>12</sup> dá um exemplo: uma de suas pacientes, uma música de 50 anos, casou, aos 40, com seu professor de 55 anos. Seu casamento foi agradável mas sem gozos sexuais e sem filhos. Quando um jovem aluno muito talentoso, trinta anos mais jovem que ela, vem morar com o casal, ela se torna agitada e irritável e vai embora de casa em uma excitação carimbada de menopáusica. Foi necessário o

rapaz ter deixado a casa para que ela pudesse voltar e reencontrar sua calma. Mas aí ela afunda em uma grave depressão. Apareceu na sua análise que sua depressão vinha do fato de ter perdido o rapaz, por quem ela estava inconscientemente apaixonada.

Freud sempre manteve a idéia de que, na menopausa, havia uma formidável pressão libidinal. Se algumas mulheres a reconhecem, não são a maioria. Os dados da clínica e as pesquisas populacionais<sup>13</sup> mostram que um certo número de mulheres se dizem menos interessadas por sua vida sexual, até mesmo a abandonam definitivamente. Como explicar? Haveria então, contrariamente ao que pensava Freud, uma baixa da libido? Proponho, ao contrário, considerar estas desafeições, este abandono da vida sexual na menopausa, como o efeito da luta contra os fantasmas incestuosos ligados, como na adolescência, a uma alta de libido mas endereçando-se agora ao filho ou à qualquer substituto. A propósito da escolha de objeto incestuoso na puberdade, Freud já havia demonstrado as influências inibitórias dela decorrentes.

Em 1912, em *Contribuição à psicologia do amor*, ele tenta compreender as causas da impotência masculina. Descreve dois tipos: uma total, que não permite o término do ato e uma relativa que impede que um verdadeiro prazer esteja presente. Freud pensa que uma certa frigidez feminina poderia ter as mesmas causas que esta impotência masculina relativa. Freud observa duas causas para este tipo de impotência. Pra começar, o sentimento de ter como única escolha o objeto incestuoso. Ainda que certas mulheres na menopausa não tenham mais parceiro fixo ou ainda que sua vida erótica com o parceiro tenha se tornado um deserto, elas terão uma grande dificuldade de se livrar do objeto *filho incestuoso* se elas têm o sentimento – com ou sem razão – de que, no registro de sua vida erótica, nada nem ninguém as esperam. Não lhes resta então outra escolha senão suprimir de suas representações psíquicas a corrente erótica e de superinvestir a corrente sobre o filho.

O segundo fator, segundo Freud, advém de um enorme investimento erótico no objeto infantil. Da mesma maneira, algumas mulheres cujo filho foi objeto de um enorme investimento libidinal e erótico, em detrimento da ligação ao marido ou ao amante, encontram sua felicidade investindo na ligação ao filho. Mas, para que, tornado homem, ele não suscite nelas a idade da loba, para não ter que viver as angústias da paciente de Hélène Deutsch, acontece que elas sacrificam toda sua vida sexual.

Poderíamos considerar esta clínica da perda de interesse sexual na menopausa como sendo a consequência de uma inibição frente à fantasmas incestuosos. Este desinteresse seria a face invisível de um impulso passional, inconsciente, na direção de um homem na idade de seu filho.

### ***Um complexo de Jocasta***

Hélène Deutsch fala de um terceiro tempo do complexo de Édipo para uma mulher. Proponho chamá-lo *complexo de Jocasta*. Este em nada transgride o lugar central do complexo de Édipo na menina e permite prestar contas desta luta contra os fantasmas incestuosos. O mito de Jocasta permitiria também começar a abordar uma sideração particular do pensamento frente ao amor passional de uma mulher por um filho, ou por um homem com idade para ser seu filho. Como se esse tipo de amor despertasse uma paixão da ignorância.

Recentemente, por ocasião de um colóquio<sup>14</sup> entre ginecologistas e psicanalistas sobre o tema da menopausa, ainda fui testemunha desta sideração. A psicanalista Nicole Stryckman apresentou o caso de uma mulher de 55 anos, divorciada há 15, que foi procurá-la por causa de uma depressão que apareceu no momento em que seu filho, com 18 anos, lhe anunciou a vontade de ir viver com seu pai. « *Agora que eu estou na outra vertente do tempo da vida, ele me abandona. A ida dele me fez desabar e não sei mais muito bem quem eu sou* », ela acrescentou. Ao final de seu trabalho, ela confessou à sua analista ter tido sempre em mente uma música que ela havia ensinado a seu filho: « *Não me abandone, não me abandone (...) Eu farei um palácio onde o amor será o rei, onde o amor será lei, onde você será a rainha* ».

Entre todos os especialistas que a escutavam, ninguém evocou a idéia de um amor incestuoso inquietante para o filho. Isto deveria continuar «inconsciente: que o ser falando goze e não queira saber nada disso». Este não saber de nada disso, Lacan (1972) o chama *paixão da ignorância*<sup>15</sup>.

Mas, uma assembléia de analistas não está avisada disto? Talvez o gozo de uma mãe, quando o objeto é o filho que se tornou homem, faça o limite do que é audível. Esta verdade, convém que o gozo a proteja. Aliás, alguns psicanalistas que, depois de Hélène Deutsch, abordaram a questão da menopausa, jamais retomaram esta hipótese<sup>16</sup>.

As paixões amorosas das mulheres maduras jamais retiveram o interesse da psicanálise, não mais que o de Jocasta, a mãe de Édipo. Se muitos estudos tratam dos

fantasmas e sobre a economia psíquica de nossos jovens Édipos fisgados por suas mães, quase nada é consagrado à ela. Quando Jocasta é nomeada, frequentemente é de seus filhos que se fala. Dela, não é senão do maternal que se está no direito de interrogar, e muito raramente – que eu saiba – a mulher amorosa de um marido claramente mais jovem que ela, na idade de seu filho desaparecido.

De Neuter lembra que para Freud, « o conhecimento e o estudo dos mitos são completamente essenciais para a clínica psicanalítica e para o estudo do inconsciente »<sup>17</sup>. Ele observa que os mitos jogam uma luz persuasiva sobre o que nós nos esforçamos em desconhecer ; eles demonstram que o impensado – os desejos incestuosos, por exemplo – já foi pensado. Kaufmann percebeu este alcance nos mitos e também observava o quanto eles são menos marcados pelo recalque que o sonho, menos perfurados pela censura<sup>18</sup>.

### ***Jocasta vista por Voltaire***

No mito de Édipo, o gozo do casal real continua vedado, constata Lacan (1971)<sup>19</sup>. Em quase todas as versões teatrais conhecidas de Édipo, Jocasta parece ser mantida à sombra da paixão incestuosa do filho. Mas, para ela existe uma paixão amorosa? A questão está fora de propósito, mesmo em Sófocles.

No Édipo de Voltaire, as personagens assumem paixões: existe o amor e o ódio, densidade subjetiva que os torna mais próximos de nós. Mas isto ao custo de uma clivagem. Voltaire vai dar à Édipo um duplo: Filoctete, da mesma idade de Jocasta. Em sua juventude, ele se apaixonou por ela. Quando Jocasta se casa com Laio, ele passa a dedicar à este último um ódio tal que se obriga a se exilar em Tebas. Ele volta, vinte anos mais tarde, no momento em que a cidade está sob o jugo da peste. Ele continua a ter por Jocasta um discurso amoroso, discurso que está longe de lhe ser indiferente.

Vê-se bem como, pelo artifício deste duplicamento, Voltaire negocia com o mito; não é o filho que odeia o pai-rei, é um outro; não é o filho que ama sua mãe, é um outro.

Mas Voltaire se encontra então confrontado ao problema da idade de Jocasta. Como que ela ainda pode suscitar uma paixão? Como objetivo de rejuvenescê-la, ele vai resumir ao máximo o tempo entre a chegada de Édipo e o início da peste. Ele escreve : « *ele fica satisfeito de ver que ela não tem mais que trinta e cinco anos. As mulheres seriam bem infelizes se não inspirassem mais nenhum sentimento nesta idade. Quero que Jocasta tenha mais de sessenta anos em Sófocles e em Corneille. A construção da*

*fábula deles não é uma regra para a minha; não sou obrigado a adotar sua ficção e se lhes foi permitido fazer reviver em suas peças pessoas mortas há muito tempo, e fazer morrer outras que ainda estavam vivas, deve-se me deixar subtrair de Jocasta alguns anos.*<sup>20</sup> »

Entretanto, Voltaire retornará à este amor diversas vezes. São os atores que lhe incentivaram a incluí-lo, ele mesmo teria preferido uma peça da qual este tipo de sentimento estaria excluído, dirá ele. Por respeito ao original grego? De fato é o argumento que ele invoca. Lanson escreve que para que a peça pudesse ser encenada, « *Voltaire se resigna a fazer suspirar o grave Filoctete pela velha Jocasta* »<sup>21</sup>. Vimos bem como um homem e uma mulher na idade madura não são ridicularizados com o mesmo adjetivo. O que traz um problema à Voltaire é que um homem possa estar apaixonado por uma mulher idosa, apesar do fato de ter tentado não lhe dar mais que 35 anos.

Será necessário que ele invoque a idéia de que pelo que Filoctete está apaixonado, é pela lembrança da jovem que ele conheceu. Em 1750<sup>22</sup>, ele escreve : « *Introduzo, não uma intriga de amor, a idéia me parecia muito chocante, mas sim a rememoração de uma paixão apagada* ». Isto lhe permitiu fazer a velha Jocasta falar de um velho amor. Quando Filoctete reencontra Jocasta, escreve Lanson<sup>23</sup>, trata-se de um *edílio ultrapassado*. Se me demoro tanto em Voltaire, é porque, durante anos, Freud tropeçou nas mesmas dificuldades.

### ***Jocasta vista por Freud***

Freud não falou muito de Jocasta, ela não merece nem mesmo uma citação no índice geral dos assuntos da Edição Standard. Ela continuará oculta, na sombra de seu filho. No entanto – mesmo que ele pareça estar interessado somente na versão de Sófocles – ele também ficará chocado com a idade de Jocasta.

Em 1900, Freud<sup>24</sup> a cita, assegurando seu marido Édipo, inquieto pelos oráculos: « *A ameaça do incesto não deve te aterrorizar: mais de um mortal dividiu em sonho a cama com sua mãe. Para quem sabe superar estes medos, a vida é mais simples* »<sup>25</sup>. Ele constata que ela tem razão, muitos homens sonham com isso, mesmo se revoltando após terem ousado ter um sonho desses. Mas ele não faz referência senão ao desejo do filho.

No ano seguinte, em *Psicopatologia da vida cotidiana*<sup>26</sup> Freud retornará à ela falando de um paciente, um homem jovem cujo conteúdo de sonho indica uma relação

sexual com a mãe : « o estranho fato de a lenda [de Édipo] não fazer nenhuma objeção à idade da rainha Jocasta pareceu-me adequar-se bem à conclusão de que, no enamoramento pela própria mãe, nunca se trata da pessoa atual dela, mas de sua imagem mnêmica juvenil, formada nos anos da infância ».

Freud está visivelmente chocado<sup>27</sup> pelo fato de que um homem jovem possa estar apaixonado por uma mulher de meia idade. Ele não pode estar apaixonado senão pela lembrança de uma mãe jovem, e isso não lhe é concebível de outra forma.

Vejamos qual é o fio associativo que faz com que Freud chegue ao sonho de seu paciente e à Jocasta. Ele estava tentando analisar porque, no lugar de um colírio, ele tinha instilado duas gotas de morfina nos olhos de uma de suas pacientes mais idosas, uma senhora de 90 anos. A frase que lhe ocorre : « *sich an der Altern vergeifen* ». *Sich vergeifen* significa *se enganar* mas o sentido figurado quer dizer *profanar*. Ele havia « *profanado a velha* », ele se diz e esta frase que lhe faz pensar em seu paciente, um homem jovem que no sonho tem uma relação sexual com sua mãe e, em seguida na idade excessiva de Jocasta. Vê-se que nada faz barreira entre os 50 ou 60 anos de Jocasta e os 90 da velha.

Em 1917, Freud volta ao sonho **do qual Jocasta fala**: « *Não é em vão que a mãe-esposa de Édipo terá atraído nossa atenção sobre o sonho*<sup>28</sup> ». Se neste sonho ele reconhece um saber sobre o inconsciente, não lhe dá mais densidade subjetiva. Trata-se de um sonho de homem; nada é dito sobre a organização desejante de uma mulher madura. Patrick de Neuter<sup>29</sup> aponta certas omissões de Freud, entre as quais o « *desejo de Jocasta, a mãe, por seu filho* ». Graças à Édipo, ele reconheceu o desejo do filho e enunciou que gozar da mãe é proibido. Mas o *gozo da mãe*<sup>30</sup> continua inédito. Em Jocasta, o maternal não pode mais esconder a mulher. Lacan pode enunciá-lo, mas este ainda não é um assunto corrente.

Em 1932, Freud descobre que o maternal de uma mulher « *transmite ao homem a atratividade que exalta nele em estado apaixonado sua ligação edípica à mãe* »<sup>31</sup>. Eis o que poderia dar conta do amor passionai do jovem Werther de Goethe por Charlotte, mãe de família; paixão desesperada que o levará ao suicídio. Mas também do amor que um filho adotivo pode devotar à uma mulher mais velha, legado de Rousseau em *Confissões*. Estes amores, que podem se tornar carnis, acontecem às vezes entre um homem jovem e uma mulher madura. Tal foi o caso, tão denegrido, entre Colette, quadragenária, e seu

jovem genro, Bertrand de Jouvenel. Veremos que a questão do gozo da mulher-mãe, mesmo em Freud ela resta inédita.

### ***A paixão da ignorância***

Freud observa que Édipo não faz nenhuma ligação entre o oráculo que o levou à suposta destruição do bebê de sua mulher e aquele que ele mesmo recebeu, e conclui : «*a ignorância de Édipo constitui representação legítima do estado inconsciente em que, para os adultos, toda a experiência (do desejo edípico) caiu* »<sup>32</sup>.

Seguindo Conrad Stein<sup>33</sup>, Lacan fará sua (1960)<sup>34</sup> a leitura ferencziana das personagens Édipo e Jocasta. Frente à peste, ele sublinhará a obstinação de Édipo em resolver o enigma, a querer a verdade. Jocasta tenta segurá-lo, dissuadí-lo, é ela quem prefere não saber. Em 1967, ele a acusará de *dissimulação*<sup>35</sup> e, dois anos mais tarde, ele acrescentará que, se Édipo não via «*as provas que começavam a chover* », é porque Jocasta «*espalhava ao redor dela charme e também assédio* »<sup>36</sup>.

Como pode que a Jocasta do mito tenha podido viver tantos anos perto de um homem sem notar nem seus pés furados, como os de seu bebê perdido, nem a coincidência de idade ? Consultei o Édipo de Sófocles, o de Sêneca<sup>37</sup>, o de Corneille<sup>38</sup>, e o de Voltaire: em nenhuma das versões Jocasta não parece fazer uma ligação entre seu jovem marido e o filho perdido. Seria seu silêncio a representação de uma paixão da ignorância, na qual toda mãe quer ficar quanto às raízes sensuais de seu amor por seu filho que se tornou adulto? Freud também não evoca esta estranha cegueira de Jocasta. Qual paixão age nele para não poder tocar também nos fantasmas de gozo da mulher na mãe? Estaria ele ainda preso à uma Jocasta nele que lhe suplica continuar na ignorância, como lhe propõe Ferenczi ?

Mesmo não sendo com o mesmo objetivo ao invocar «*Jocasta* », parece-me interessante seguir R. Gori quando, tendo subtraído este significante da personagem do roteiro trágico, ele propõe nomear também um parte de nossa realidade psíquica devotada à paixão da ignorância que faz gozo. Ela seria antagônica àquela que deseja conhecer e que ele nomeia «*Édipo* »<sup>39</sup>. No que concerne a paixão amorosa de uma mãe por seu filho adulto, parece que é a parte devotada à paixão da ignorância que prevalece. Mas tudo o que podemos fazer é constatar que esta parte se encontra tanto nos filhos quanto nas mães. Talvez existam algumas relações com a *denegação da menopausa* pelos psicanalistas que é levada em conta por quem tenta trabalhar sobre o assunto.

A « paixão da ignorância » é tomada aqui por Gori no sentido proposto por Conrad Stein (1977) para definir o não-querer-saber-de-nada-disso de Jocasta, paixão que nos incitaria à « *desconhecer o que o desejo de saber incita a descobrir* ». Desconhecimento não é a mesma coisa que ignorância, « *é necessário que haja por trás deste desconhecimento um certo conhecimento do que há a desconhecer* »<sup>40</sup> Lacan fazia observar.

No nível da história que Sócrates conta em sua tragédia, este termo pareceria mais apropriado. Se ele nos relata toda a história do criado que assistiu ao assassinato, é para evitar que Jocasta possa não saber, sublinha Lacan<sup>41</sup>. Mais tarde ele acrescenta : « *Jocasta, ela, eu sempre disse à vocês, sabia um pouco, porque as mulheres não ficam sem saber dos pequenos esclarecimentos. Ela tinha um criado que tinha assistido todo o negócio, e seria curioso que este criado, que retornou ao palácio e que encontramos no fim, não tenha dito à Jocasta : - Foi esse aí quem estraçalhou seu marido* »<sup>42</sup>.

Parece-me que a paixão da ignorância da qual fala Gori, nos remeteria a um elemento de estrutura. Por exemplo, um amor inconsciente da mulher na menopausa por seu Édipo, de filho agora um homem. Conhecemos estas mães de meia-idade que são objeto de uma grande atenção pela parte do filho. A satisfação extraordinária de sua ligação se paga, não somente por um abandono da vida sexual, mas também por uma paixão da ignorância das próprias raízes de seu gozo. A este preço, elas podem muito bem se apropriar do amor do filho. Stewart (1961)<sup>43</sup> conta uma piada judia : Uma mãe leva seu filho ao analista e, escutando-se dizer que ele sofre de um complexo de Édipo mal-resolvido, ela exclama : « *Édipo, Schmédipo. Tanto que um rapaz ame sua mãe, ele ficará bem* ». Segundo ele, é a voz de Jocasta que fala aqui. Vemos bem como o gozo da fala materna vem aqui roubar a verdade de suas raízes.

A dramaturga Michelle Fabien (1983)<sup>44</sup> no preâmbulo à sua *Jocasta*, evoca algo desta paixão da ignorância: « *Não podemos nos contentar de ver nela a ocasião do destino trágico de Édipo; ela é a heroína emblemática de uma tragédia a qual não se quer saber de mais nada* ». Mas apesar de um discurso erótico, o texto deixa passar em silêncio o fato que se trata da paixão de uma mulher madura por uma homem da idade de seu filho. A respeito desta *Jocasta*, Marcelle Marini<sup>45</sup> constata que « *diz-se tranquilamente que um menininho se faz de Édipo – como ele ficaria com sarampo – mas de uma mulher é impossível dizer que ela se faz de Jocasta* ». Christian Vereecken<sup>46</sup>, psicanalista, é o

único a interrogar Jocasta sobre seu amor incestuoso por seu marido. Ele lhe pergunta, pela boca de Tirésias : «*Não teria você pensado, tirando você, o que poderia ter sido o desaparecido se tivesse vivido? E não sem se dar conta, deste que justamente tinha a idade que poderia ter o desaparecido; e um rosto, na verdade, não indigno dele, que o vencedor da Esfinge atraiu sua simpatia ? E ainda, diga-me, estas cicatrizes em seus pés, elas não lhe fazem sonhar às vezes com o ausente? »*

### ***Um paixão jocastiana em Stephan Zweig***

Freud também teve dificuldades em admitir que uma mulher pudesse conceber tal amor incestuoso por um homem da idade de seu filho. Este gozo da mãe, parece que começou a ser pressentido graças unicamente a um romance de Zweig. Em *Vingt quatre-heures dans la vie de une femme*<sup>47</sup> ele descreve um destes momentos de loucura passional da *idade perigosa*; como se chamava na época.

Uma aristocrata casou-se com alguém de seu meio, teve dois filhos e viveu feliz até os quarenta anos. Então seu marido morre deixando-a com dois filhos adolescentes. Quando eles deixam o lar para estudar e não precisam mais dela, um sentimento de inatividade, de inutilidade começou a tormentar-lhe. Para matar o tempo e não pesar sobre seus filhos, ela decidiu fazer uma longa viagem da qual retornaria somente quando eles tivessem se casado.

Em um de seus périplos, ela chegou ao cassino de Monte Carlo. Apesar de não ter acontecido uma aproximação, seu olhar é cativado por um jogador de vinte e poucos anos, provavelmente da idade de seu filho mais velho. Zweig conta como, a princípio, são as suas mãos que « *parecem mais pertencer a uma criança que joga com paixão* » que a fascinam : « *Nunca tinha visto um rosto de onde a paixão brotava de tal forma para a descoberta, tão animal em sua nudez atrevida...* » Ela o contempla durante horas. O jovem homem termina por perder tudo e ela lê em seu rosto que ele vai se suicidar.

Ele vai embora, ela o segue e o vê cair num banco de praça. E, então quando começa a chover torrencialmente, ela acaba por abordá-lo e lhe manda sair de lá. Não sabendo ainda que está apaixonada, ela acredita não estar tendo « *absolutamente outra coisa senão uma atitude instintiva que se faz para socorrer e segurar uma criança que, na rua, vai se jogar sob as rodas de um automóvel* ».

Em plena noite, sob esta chuva torrencial, o rapaz a toma por uma prostituta mas aceita segui-la. Para salvá-lo, ela lhe paga uma noite de hotel. Mas o rapaz a carrega para este quarto. Lá eles viverão uma noite de paixão desenfreada, como só sabem fazer os que se prometem até que a morte os separem. De manhã, ela o observa dormir com um olhar maternal e se diz que *«nunca, nem mesmo nas crianças que têm às vezes, em seu sono de bebê, um vislumbre de serenidade angelical, nunca vi uma tal expressão de pureza límpida, de sono verdadeiramente feliz»*. Ela o acredita transformado, se regozija de ter evitado seu suicídio e quer então salvá-lo completamente. Ela lhe empresta dinheiro para pagar suas dívidas, faz-lhe jurar pela sua honra que nunca mais irá jogar, e quer acreditar no gesto de adoração e de promessa sagrada com o qual o rapaz lhe agradece.

À tarde eles fazem juntos um passeio, o mais feliz de sua vida, ela se lembrará anos mais tarde. Em uma pequena capela, o rapaz, um aristocrata polonês, prosterna-se como um penitente e agradece à Deus por tê-la enviado. A puta de ontem, colocada no lugar de um ícone, pensa tê-lo salvado para sempre. Ela o deixa prometendo-lhe que irá se despedir dele na estação.

O rapaz tendo partido, ela é acometida por um sofrimento passional : *«Que decepção... que decepção... este rapaz ter partido tão docilmente... sem nenhuma tentativa para me segurar, para ficar junto comigo... ter obedecido tão humildemente e repetidamente ao meu primeiro pedido de que ele fosse embora, ao invés de... ao invés de ter tentado me arrastar violentamente com ele... ele ter me venerado unicamente como uma santa que apareceu em seu caminho... ele... ele não ter sentido que eu era uma mulher. (...) Se este homem tivesse me agarrado, tivesse me pedido para segui-lo, eu teria ido com ele até o fim do mundo, eu teria desonrado o meu nome e o de meus filhos... »*

Ela então decide encontrá-lo na estação e partir com ele. Um contratempo lhe faz perder a hora e, aniquilada, ela vê o trem se distanciar. Para reencontrar o fantasma do homem amado, ela decide visitar o cassino. Ela vê suas mãos febris em jogar! Ele havia voltado: *« ele tinha trazido aqui, no pano verde, o dinheiro que eu tinha lhe dado para voltar para casa e, esquecendo toda sua paixão, ele tinha voltado para jogá-lo nesta mesa, enquanto que meu coração em desespero se espatifava por ele »*. Ela tenta falar

com ele mas se faz rejeitar friamente e, quando ele lhe devolve seu dinheiro, ela se sente como uma prostituta que foi reclamar o devido. Ela fugirá, desnorteada de humilhação.

### ***As dificuldades de Freud com este romance***

Freud (1926), também observa que o rapaz tem a mesma idade do filho mais velho desta mulher. Ele interpreta a história no sentido de uma fantasia incestuosa do filho. Freud quer demonstrar à Zweig – seu jovem amigo – que o jogo é o representante do onanismo, que trata-se aí necessariamente de uma fantasia erótica masculina da puberdade. O escritor lhe replica que quis entender o que poderia uma mulher sentir. Se Freud reconhece que a história é contada pela mãe e não pelo filho, ele se sai dando a seguinte perspectiva: «*Deve ser lisonjeiro ao filho pensar: se minha mãe soubesse em que perigos a masturbação me envolve, com certeza me salvaria deles, deixando que eu derramasse toda minha ternura em seu próprio corpo. A igualização da mãe a uma prostituta, feita pelo rapaz da história vincula-se à mesma fantasia* »<sup>48</sup>. Certamente.

Mas a paixão de uma mulher por um homem mais jovem continua difícil de conceber. No entanto Freud não parou de lembrar o aumento da libido e da pulsão sexual nas mulheres neste momento de suas vidas. Freud termina por abrir a possibilidade à esta fantasia feminina, sob condição de que ela guarde a marca do amor materno. Se ele continua achando «*muito contestável que a vida amorosa de uma mulher seja dominada por súbitos impulsos*», ele pensa que a análise pode descobrir no entanto uma motivação para a conduta surpreendente desta. «*Fiel à lembrança do marido morto, armara-se contra todas as atrações semelhantes, mas – e aqui a fantasia do filho se mostra correta – não escapou, como mãe, de sua transferência inteiramente inconsciente do amor para com seu filho, e o destino pode apanhá-la nesse ponto sem defesa*»<sup>49</sup>. Freud portanto chega a dizer que se uma mulher madura entrega-se a uma paixão por um rapaz, é por causa de uma transferência do amor pelo filho. Ela seria, eu diria, jocastiana.

No teatro clássico do século XVIII, existe uma versão do mito de Édipo que vai no mesmo sentido, a do duque de Brancas de Lauraguais. Ela se intitula «*Jocaste, tragédie* »<sup>50</sup>. Nesta peça, Jocasta é apresentada como uma mulher desejante confessando sua paixão por seu jovem marido, o que já é excepcional. Mas ademais, quando ela descobre que ele também é seu filho, isto lhe parece esclarecer a razão própria de seu amor fulminante : «*Antes de sabê-lo meu coração disto não duvidava ! Eu sentia em meu seio a Natureza desvirtuada./ Eu provei de seus erros, mas fui por eles*

*inebriada./ Cara **Iphise** ! E isto então ! Por um outro que não ele / Jocasta poderia se inflamar hoje em dia ? Hoje que Laio, que acabou de morrer ... »*

Lembremos que, para Freud, enquanto o maternal de uma mulher suscita uma exaltação do amor de seu pretendente, se ela está na idade de procriar, é o filho que obterá o amor de sua mãe. No momento em que elas não podem mais parir, estariam elas em condição de transferir o investimento libidinal desejante sobre o amante ? Esta *diferença de fase psicológica*, como diz Freud<sup>51</sup>, poderia ela se resolver – não mais que temporariamente – em uma ligação amorosa entre uma Jocasta e um homem na idade de poder ser seu filho?

Para uma mulher, a idade perigosa é propícia ao *pathos* na paixão ?

### ***O que precede a eclosão de uma paixão amorosa***

Segundo Roland Gori (2002)<sup>52</sup>, no momento lógico que precede a eclosão de uma paixão amorosa, o sujeito se encontrava em um estado de desespero ou de confusão. Clérambault, ele escreve, já havia notado que era frequentemente em um estado triste que acontecia o amor fulminante. Penso que um estado de falta, de vazio interior é sempre necessário para que o investimento libidinal massivo em um novo ser seja possível. O exemplo mais surpreendente é a necessidade do *baby-blues*, deste momento de perda das referências habituais, de extrema fragilidade na qual se encontram as mulheres depois do parto e que lhes permite se apaixonarem por seu bebê, de investí-lo no lugar de Ideal. Se o processo é habitual, não é menos perigoso. Sabemos que algumas podem prolongar este estado até a depressão pós-parto. Este momento de fragilidade – que precede a ligação ao recém-nascido – e seus riscos foram bem descritos.

Por outro lado, a crise da meia-idade, com suas perdas, tristeza, até mesmo o desespero que ela traz<sup>53</sup> nunca tinha sido vista enquanto momento lógico podendo preceder a eclosão de uma paixão amorosa. Porque ? Para começar, estes casos são certamente mais raros. Mesmo em nossos dias, uma mulher madura pode se acreditar muito « envelhecida » para se entregar à uma paixão perigosa, ela preferiria escolher o recalçamento mesmo ao preço do aumento da angústia. Mas quando tais paixões acontecem, quando uma mulher deseja lá onde ela não deveria ter sentimentos maternos, a paixão a ignorar vem obturar qualquer questionamento. Que pena ! Estudar

as características deste momento lógico que precede uma paixão poderia, talvez, esclarecer este aumento de libido afirmado por Freud e difícil de resolver em termos hormonais.

Zweig, em seu romance, sublinha bem este momento de vazio e de tristeza que acomete a heroína quando, viúva, ela se torna inútil a seus filhos, o que a leva a ir em busca de aventura. Esta problemática, bem conhecida, do « ninho vazio » vem no momento em que uma mulher deve enfrentar a questão da perda definitiva de sua capacidade de procriar. O apogeu de sua paixão pelo jovem jogador, nossa heroína vai conhecê-lo quando ela crê poder salvar a criança no homem. Ela se crê sua redentora, o que só pode lisonjear seu amor-próprio. Lacan lembrava que mesmo no amor paixão encontrava-se esta preocupação de glória que La Rochefoucault afirmava sustentar todas nossas atividades<sup>54</sup>. Eu acrescentaria que ele tem o interesse de oferecer um gozo apto a ocultar a verdade.

« *Jocasta, o que é?* » lança Lacan. « *Ninguém soube ver e nem dizer, porque é o lugar de onde se pode ver separados o gozo e a verdade* »<sup>55</sup> E isto é intolerável. Não é somente a Esfinge que se joga do alto do rochedo. No filme « *Post coitum animal triste* », a heroína abandonada por seu jovem amante faz o mesmo. Será que é por isso que nas representações de nossa sociedade – literárias ou cinematográficas – este tipo de ligação passional deve acabar mal ?

Sobre a autora :

Marie-Christine Laznik é psicanalista, analista-membro da Association Lacanienne Internationale, doutora pela Universidade de Paris XIII, e autora dos livros *O que a clínica do autismo pode ensinar aos psicanalistas* (Agálma, 1996) e *Rumo à palavra : três crianças autistas em psicanálise* (Escuta, 1997).

Tradução :

Cláudia Serathiuk, sicóloga, psicanalista, membro-praticante da APC.

Revisão da tradução : Leda Mariza Fischer Bernardino

---

<sup>1</sup> Esta constatação já havia sido feita por Madeleine Gueydan, a única psicanalista que escreveu um livro sobre o assunto. Conferir: Gueydan, M. : *Femmes em ménopause*, Toulouse: Ed. Erès, 1991.

<sup>2</sup> Arnaud, R.: *La ménopause à travers l'histoire*, Laboratórios Ciba-Geigy, 1995, p.9.

<sup>3</sup> Os poucos autores psicanalíticos que ousaram afrontar este tema se arrependeram. Ruth Lax (« The expectable depressive climacteric reaction », in *Bulletin of the Menninger Clinic*, 46 [2], 1982, p.158) vai até o ponto de fazer a hipótese de uma denegação da menopausa na maior parte dos analistas.

<sup>4</sup> Freud, S. : (1923) *A organização genital infantil*, Obras Completas, vol. XVI, p. 308, n.2.

<sup>5</sup> Freud S. : (1922) *A cabeça da Medusa*, Obras Completas, vol XVI p. 163-164 ; G. W., vol. XVII, p.47.

<sup>6</sup> De Neuter P.: « Le mythe de l'enlèvement d'Europe: considérations actuelles sur le désir de l'homme à l'aube et au midi de la vie », in *Le Bulletin freudien*, setembro 2001, Bruxelles, n° 37/38, p. 75-105.

<sup>7</sup> Freud S. : (1895) *Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada « neurose de angústia »*, Obras Completas, vol. III, Paris: PUF, 1989, G. W. vol. I.

<sup>8</sup> Freud, S. : Op. Cit., p. 53 da edição francesa.

<sup>9</sup> Freud, S. : (1912) *Tipos de desencadeamento da neurose*, Obras Completas, vol. XI, Paris: PUF, 1988, p.124.

<sup>10</sup> Corbin, A. « La petite bible des jeunes époux », in *L'amour et la sexualité, Les Collections de L'Histoire n° 5*, Paris, junho 1999, p.82-87.

<sup>11</sup> Deutsch, H. (1944) *La psychologie des femmes: étude psychanalytique*, Paris : PUF, 1967, vol. II, p. 391-418.

<sup>12</sup> Deutsch, H. Op. Cit., p. 402-403.

<sup>13</sup> Delbès, C. E Gaymu, J., « L'automne de l'amour : la vie sexuelle après 50 ans », in *Population*, revista do I.N.E.D., nov.-dez. 1997, n° 6, Paris : Éd. De l'I.N.E.D., p.1439-1484.

<sup>14</sup> Stryckman, N.: "Vieillesse et rupture amoureuse" exposto no colóquio *A menopausa – Psicanalistas e ginecologistas face à crise de meia idade das mulheres*, Sociedade Francesa de Ginecologia-Obstetrícia e Psicologia, A.F.I., Paris, 26-27 de janeiro de 2002.

---

<sup>15</sup> Lacan, J. (1972-1973): O Seminário, Livro XX: Mais, Ainda, ed. du Seuil, Paris: 1975, p.95, 110. Trata-se de uma das primeiras e raras vezes em que Lacan emprega *paixão da ignorância* neste sentido. Inicialmente, o *não querer saber de nada disso* remetia mais ao desconhecimento. Se, como o amor e o ódio, a *ignorância enquanto paixão* sempre remeteu ao ser, ela foi lida em um sentido positivo, como *primeiro tempo de abertura à transferência* (1954), depois ao saber (1955), no sentido preconizado por Nicolas de Cues da “*douta ignorância*”.

<sup>16</sup> Gueydan faz uma citação em seu capítulo sobre Deutsch, mas não retoma a questão.

<sup>17</sup> De Neuter, P. : « Le mythe de l'enlèvement d'Europe : considérations actuelles sur le désir de l'homme à l'aube et au midi de la vie » . *Le Bulletin Freudien*, setembro 2001, 37/38, p. 76.

<sup>18</sup> Kaufmann, P.: *L'apport freudien*, Paris : Bordas, 1993, p.556-557. Citado por De Neuter.

<sup>19</sup> Lacan, J. *D'un discours qui ne serait pas du semblant*, seminário inédito, lição de 09 de junho de 1971.

<sup>20</sup> Voltaire ; « Cinquième lettre qui contient la critique du novel Œdipe » in *Œdipe Tragédie*, Paris : chez Pierre Riboux, M.DCC.XIX, p.122.

<sup>21</sup> Lanson, G. : *Voltaire*, Paris: Hachette, 1960, p.21 ; citado por Moureaux, J.M.: *L'Œdipe de Voltaire*, introduction à une psycholecture, Paris : Lettres Modernes, 1973.

<sup>22</sup> Em « L'Épître dédicatoire d'Oreste à la Duchesse du Maine ».

<sup>23</sup> Lanson, G. : op.cit., p.19.

<sup>24</sup> Freud, S. : (1900) The interpretation of dreams, S.E., v.IV, p. 264 ; *L'interprétation des rêves*, trad. Franc. Meyerson, Paris : PUF, 1967, p.129.

<sup>25</sup> Sófocles: Œdipe Roi, terceiro episódio, in *Théâtre complet*, trad. Robert Pignarre, Paris : Garnier-Flammarion, 1964, p. 129.

<sup>26</sup> Freud, S. (1901) *Psychopathology of everyday life*, S.E., v.VI, p. 177-178 ; *Psychopathologie de la vie quotidienne*, trad. Francesa Jankélévitch, H., Paris : Petite Bibliothèque Payot, p.190-191.

<sup>27</sup> A tradução francesa é : « não leva em conta absolutamente ». Freud escreveu : « *Die Zonderbarkeit, daß die Sage keinen Anstoß and der Alter der Königin Jokaste nimmt*“; G.W., v. IV, p.197. A palavra *Anstoß* quer dizer chocar.

<sup>28</sup> Freud, S. : « Conferência XXI: O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais», in *Conferências introdutórias sobre psicanálise*, O.C., V. XIV, p.349.

<sup>29</sup> De Neuter, P. : Op.Cit., p. 77.

<sup>30</sup> Lacan, J. : *D'un autre à l'autre*, seminário inédito.

<sup>31</sup> Freud, S. « Conferência XXXIII : Feminilidade » in *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*, O.C., v. XIX, p.217-218.

- 
- <sup>32</sup> Freud, S. (1938) *An outline on psychoanalysis*, cap. VII, S.E., v. XXIII, p. 191.
- <sup>33</sup> Stein, C. (1959) : « Notes sur la mort d'Œdipe », in *La mort d'Œdipe*, Paris : 1977.
- <sup>34</sup> Lacan, J. : *O Seminário*, Livro VII : A Ética da Psicanálise, lição de 08 de junho de 1960, Paris : Ed. Du Seuil, 1986, p. 317.
- <sup>35</sup> Lacan, J. : *La logique du fantasme*, seminário inédito, lição de 26 de abril de 1967.
- <sup>36</sup> Lacan, J. : *D'un autre à l'autre*, seminário inédito, lição de 23 de janeiro de 1969.
- <sup>37</sup> Sêneca : « Œdipe », in *Tragédies, Tome II*, tradução para o francês de Léon Hermann, Paris : Belles Lettres, 1982.
- <sup>38</sup> Corneille, P. : (1659) « Œdipe », tragédia, in *Œuvres de Corneille*, v. 6, nova edição por Ch. Marty-Laveaux, reprodução da edição de Paris L. Hachette, 1862, p. 134-219.
- <sup>39</sup> Gori, R. : « Défiguration du discours tragique », in Gori, R. Et Hoffmann, C. : *La science au risque de la psychanalyse*, Toulouse : Erès, 1999, p. 145-162.
- <sup>40</sup> Lacan, J. : op.cit., p.190.
- <sup>41</sup> Lacan, J. : *La logique du fantasme*, seminário inédito, lição de 26 de abril de 1967.
- <sup>42</sup> Lacan, J. : (1969/1970) : *Le Séminaire*, Livre XVII, L'envers de la psychanalyse, Paris : Seuil, 1991, p.134.
- <sup>43</sup> Stewart, H. « Jocasta's crime » ; in *Int. Journal of Psycho-Analysis*, vol. XLII, Londres, 1961, p. 424-430.
- <sup>44</sup> Fabien, M. « Jocaste », in *Didascalies 4, cahiers occasionnels de l'ensemble théâtre mobile*, jan. 1983, Bruxelles.
- <sup>45</sup> Marini, M. « Sommes-nous toutes des Jocastes qui s'ignorent ? », in *Didascalies*, op.cit., p.35-45.
- <sup>46</sup> Vereecken, C. «La seconde morte de Jocaste, ce qu'en dit Tirésias », in *Didascalies*, op.cit., p. 64-69.
- <sup>47</sup> Zweig, S. (1927) *Vingt-quatre heures dans la vie d'une femme*, trad. De l'allemand par Olivier Bournac et Alzir Hella, livro de bolso Stock, 1993.
- <sup>48</sup> Freud, S. (1926) *Dostoievski et la mise à mort du père*, O.C., vol. XVIII, p. 222-225.
- <sup>49</sup> Freud, S., op.cit., p. 225.
- <sup>50</sup> De Brancas de Lauraguais, duque : *Jocaste, tragédie*, ato III, Paris : Débure l'aîné libraire, 1781, p. 30-31.
- <sup>51</sup> Freud, S. « Conferência XXXIII : Feminilidade » in *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*, O.C., v. XIX, p.217-218.
- <sup>52</sup> Gori, R., *Logique des passions*, op.cit., p. 65.

---

<sup>53</sup> Laznik, M.C. : *Sexualité féminine à la ménopause*, tese de doutorado defendida em Paris XIII, sob a orientação do Prof. Rassial, fevereiro de 2002.

<sup>54</sup> Lacan, J. (1954-1955): *Le Séminaire, Livre II : Le moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse*, Paris: Seuil, , 1978, p. 18.

<sup>55</sup> Lacan, J. La logique du fantasme, seminário inédito, lição de 26 de abril de 1967.

Texto publicado originalmente em dezembro/2003 na REVISTA DA ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE CURITIBA / Associação Psicanalítica de Curitiba, Vol. 1, n.1. Curitiba : APC, 2003